

A globalização e o papel das ONG's na sustentação da economia informal

Naldeir dos Santos Vieira

naldeir@yahoo.com.br

Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Pernambuco - Recife, PE, Brasil

RESUMO

Este trabalho aborda a questão do papel das ONG's no mundo globalizado e na sustentação da economia informal. Discute-se, inicialmente, os fatores geradores e as implicações do processo de globalização. Descreve-se, em seguida, as causas da ampliação da economia informal, suas demandas e o papel das ONG's no apoio e realizações de projetos de geração de trabalho e renda. O objetivo deste trabalho é analisar o processo de globalização e estudar o papel das ONG's neste processo, ao realizarem determinados programas, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas que se encontram na economia informal. Utilizou-se como metodologia a análise bibliográfica de alguns autores. Identificou-se que o processo de globalização propiciou a ampliação da economia informal, fazendo com que um grande número de pessoas necessitem de apoio de projetos assistenciais. As ONG's, por sua vez, identificando esta demanda por parte da população, a partir dos anos 90, muda seu foco, que antes era na realização de ações ativistas, passando a realizar projetos de geração de trabalho e renda. No entanto, nota-se que seus projetos não estão conseguindo atingir seu objetivo principal que é a inclusão social dos beneficiários. Apesar do grande aumento do número de ONG's, alguns autores consideram que os indicadores sócio-econômicos não sofreram mudanças significativas.

Palavras-chave: Globalização; Organizações Não Governamentais; Economia Informal.

1. INTRODUÇÃO

Existe pouco consenso sobre o fenômeno da globalização, apesar de ser muito debatido atualmente. Há uma tendência de se explicar globalização apenas sobre o enfoque econômico, mas estudos recentes consideram a globalização como um fenômeno multidimensional e multidisciplinar, resultado do imbricamento de variáveis políticas, econômicas, sociais e culturais.

Assim como existem inúmeras variáveis causadoras do processo de globalização, os efeitos deste processo, também não estão claros, o que justifica o interesse dos estudos organizacionais por esta temática. Há várias explicações sobre os efeitos da globalização. Alguns autores consideram que seus efeitos são positivos e de certa maneira inclusivos, outros os consideram negativos e excludentes, ou seja, contribuem para a ampliação das diferenças entre ricos e pobres.

Fazendo uma análise da origem da globalização, Jones (2003) considera como marco principal do seu desenvolvimento, a queda do muro de Berlim e a superação do capitalismo sobre o socialismo/comunismo. Para ele, a globalização está interligada com o desenvolvimento do capitalismo avançado, originário do pós-fordismo.

Nesta nova dinâmica, há uma desorganização no nível nacional e uma reorganização no nível global. As transnacionais são agentes com maior influência neste processo,

atravessando as fronteiras nacionais. Há uma divisão entre uma tecno-economia (formada principalmente pelas transnacionais, com alta tecnologia, trabalhadores especializados e altos salários) e uma economia “grunge” (formada por empresas prestadoras de serviços à da tecno-economia e por trabalhadores desqualificados, com baixos salários e péssimas condições de trabalho).

As ONG`s também, exercem um importante papel no processo de globalização, assumindo determinadas funções do Estado, fazendo pressões às organizações da tecno-economia e realizando programas de apoio às populações que estão na economia informal e que sustenta a economia “grunge”, através da “organização de redes em cascata”.

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo, analisar o processo de globalização, através da análise bibliográfica de alguns autores e estudar o papel das ONG`s neste processo, ao realizarem determinados projetos, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas que se encontram na economia informal.

Na próxima seção, são abordados os conceitos e as análises do processo de globalização e é realizada uma explanação de seus benefícios e malefícios. Na terceira seção, é analisada a economia informal e a sua estrutura, através de redes organizadas em cascata. Na quarta seção, são analisadas as influências das ONG`s no processo de globalização e suas relações com a economia informal. Por fim, são feitas algumas considerações finais do trabalho.

2. GLOBALIZAÇÃO

Globalização é um fenômeno muito estudado e que está em constante discussão, seja no âmbito político, econômico ou acadêmico. Apesar de ser muito debatido, poucos estudos chegam a uma conclusão sobre o que é este processo e quais seus efeitos. A globalização para Westwood e Clegg (2003, p. 232) “tem ramificações sociais, culturais, políticas e econômicas. Certamente, este imbricamento faz com que o tema seja de difícil construção de um modelo de explicação”. Como a globalização tem vários imbricamentos, há uma necessidade de atravessar os limites interdisciplinares para uma melhor compreensão deste processo, o que dificulta a pesquisa, o conhecimento e a construção de uma única teoria sobre a mesma.

A globalização na perspectiva de Otávio Ianni (1998, p. 33),

trata-se de um novo "ciclo" da história, no qual se envolvem uns e outros, em todo o mundo. Ao lado de conceitos tais como "mercantilismo", "colonialismo" e "imperialismo", além de "nacionalismo" e "tribalismo", o mundo moderno assiste à emergência do "globalismo", como nova e abrangente categoria histórica e lógica. O globalismo compreende relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, desenvolvendo-se em escala mundial.

Nota-se nesta posição, que a globalização, além de ser um processo de interligação entre os agentes globais, é também um processo de ampliação da dominação e da apropriação. Para Parker (2003, p. 234) a “globalização esta aparente em quase toda parte e é visivelmente manifestada por marcas e serviços globais, como em outras atividades de negócios. Existe uma tendência para pensar em globalização como primariamente relacionada com negócios e conseqüentemente, principalmente, ou unicamente, um fenômeno econômico”. Esta autora argumenta que o processo de globalização ocorre na política, cultura, economia, tecnologia, negócios, meio ambiente, em várias esferas relacionadas.

Jones (2003) considera que o processo de globalização teve dois marcos principais. O primeiro foi a queda do muro de Berlim, sinalizando o fim da Guerra Fria, assim como, da

competição entre o capitalismo e o socialismo/comunismo; o segundo foi a publicação de “*The End of History and the Last Man*” de Francis Fukuyama, que registrou a vitória ideológica do capitalismo liberal sobre seus desafiadores.

Para Parker (2003, p. 234) “globalização é um processo que inclui todas as organizações ao redor do globo”. A globalização tem elementos inclusivos e exclusivos, simultaneamente. Para ela as Transnacionais (TNC`s) estão no centro da globalização e sua atuação, em diversos países, através de redes verticais e horizontais, pode causar efeitos distributivos da produção global e geração de emprego, sendo este, o discurso da globalização. Outros autores consideram que as transnacionais realizam atividades voltadas para os interesses próprios, contribuindo para o aumento das disparidades entre ricos e pobres, uma vez que a maior parte das receitas tendem a se direcionarem para elas.

Jones (2003, p. 254) considera que no processo de globalização, “o nível da ordem deslocou essencialmente do nacional para o global, o último está sendo constituído por uma matriz que liga cidades principais, economias regionais e enclaves de produção e de consumo, em países desenvolvidos e sub-desenvolvidos”.

Há uma discussão sobre o fato de a globalização ser algo bom ou ruim para a sociedade. Parker (2003), argumenta que a globalização como exclusão pode ver as TNC`s como instituições que prezam pelo auto-interesse das atividades que pertence a elas. Outros similares argumentam que o auto-interesse das TNC`s é destrutivo (SKLAIR, 1995, *apud* PARKER, 2003, p.235).

Alguns autores consideram que a globalização é um fenômeno paralelo e interligado ao capitalismo avançado, que se desenvolveu no pós-fordismo. Para Jones (2003, p. 252) “globalização e capitalismo avançado são fenômenos internamente distintos, mas misturados, onde não há uma liderança clara. O que está claro, entretanto, é que as corporações transnacionais e as redes conectadas em cascata, estão no núcleo da globalização e do capitalismo avançado”.

Na perspectiva de Jones (2003), o capitalismo avançado teve sua gênese no ambiente dinâmico e fragmentado do pós-fordismo. Não há um consenso sobre o que é pós-fordismo. Para ele o pós-fordismo é um novo arranjo institucional, onde o Estado passa a encorajar a privatização e a desregulação da economia; as empresas domésticas, formalmente protegidas, sofrem pressões internacionais, pela intensidade e instabilidade competitiva; as organizações passam a diminuir seu tamanho (enxugamento); há uma desconcentração espacial; crescente uso de subcontratos (terceirização) e uma proliferação de empregos temporários ou de meio expediente; e as tecnologias flexíveis, capazes de proporcionar economias de escopo, substituíram as tecnologias fordistas, orientadas para obter economias de escala.

Dando continuidade à sua análise, Jones (2003) considera que o capitalismo avançado é formado por duas economias, a Tecno-economia e a Economia Grunge. **A tecno-economia** é caracterizada pela presença de capital intensivo; alta tecnologia; processos de trabalho baseados em torno da automatização; sistemas flexíveis; distribuição de informação e sistemas de comunicações avançados; “analistas qualificados com alto nível de educação” (REICH, 1991 *apud* JONES, 2003, p. 256). “Regionalmente, a tecno-economia é dominada pelas corporações transnacionais, com bases nas regiões denominadas “tríade”, América do Norte, Europa Ocidental, e Leste da Ásia” (OHMAE, 1985 *apud* JONES, 2003, p. 256) e alocadas em posto de comando “em cidades globais” (SASSEN, 1991 *apud* JONES, p.256) como Nova York, Londres, e Tokyo, embora seu alcance estenda além de tais cidades e regiões. **A Economia Grunge** é “geralmente composta de trabalho degradado” (SASSEN, 1984 *apud* JONES, p.256). Ela é formada por pessoas que prestam serviços a firmas subcontratantes, que por sua vez, prestam serviço às corporações muito maiores na tecno-

economia. “Este segmento contingente atingiu 25% da força trabalho americana em 1992, e foi projetado para aumentar para 35% no ano de 2000” (CASTELS, 1996 *apud* JONES, p. 257). “Seu crescimento tremendo é devido às mudanças nos arranjos fordista e a conseqüente mudança em estruturas organizacionais (por exemplo, enxugamento, redes), em padrões do emprego e em regimes das relações industriais” (MOODY, 1997 *apud* JONES, p. 257). Este segmento representa a fonte de trabalhadores (*Just in time*) para as grandes transnacionais da techno-economia, minimizando os custos de transações para firmas, aumentando a flexibilidade e colocando o custo com mão-de-obra, de uma maneira variável, diminuindo a responsabilidade da gerência no longo prazo. “É caracterizada por trabalho intensivo, por atividades de baixo valor adicionando, há uma presença de baixa tecnologia, contratos de emprego ocasional e pouca sindicalização, proporções elevadas de trabalho de mulheres e de imigrantes, e sistemas de gerência burocráticos e tecnicistas” (EDWARDS, 1979 *apud* JONES, p. 257).

2.1. BENEFÍCIOS DA GLOBALIZAÇÃO

Existe uma polêmica sobre o fato de a globalização ser um fenômeno que traz benefícios ou malefícios para a sociedade. Para Parker (2003) estes argumentos variam de acordo com os dados que são tomados como bases e de suas inter-relações. Como indicado anteriormente, alguns acreditam que o “comércio estimula estas atividades, somente para seu benefício” (KORTEN, 1995; ANDERSON; CAVAGH, 1997 *apud* JONES, 2003, p. 256). Parte da lógica destes argumentos é que o comércio ajuda os ricos a enriquecer e os pobres a empobrecer.

“De acordo com quase todas as medidas do World Bank e ONU, o mundo está melhor que há 25 anos atrás: menos pessoas vivem abaixo da linha da pobreza; a produção de alimentos está crescendo, mais que o crescimento da população; os níveis de educação estão crescendo; a duração da vida está alta; e a mortalidade infantil tem decrescido substancialmente” (UNITED NATIONS, 2000; WORLD BANK, 2000/1 *apud* PARKER, 2003, p. 240). “Entre 1987 e 1999, a população das economias em desenvolvimento e em transição, que viviam com 1 dólar por dia, caiu de 28% para 24 %” (WORD BANK, 2000/1 *apud* PARKER, 2003, p. 240).

Podem ser identificados outros benefícios obtidos com o processo de globalização, como a maior facilidade de acesso a informação, de aquisição de produtos que não existe em determinado país e melhores facilidades para se movimentar entre os diversos países do mundo.

2.2. MALEFÍCIOS DA GLOBALIZAÇÃO

Por outro lado, alguns autores mostram o crescimento da desigualdade nos rendimentos em torno do mundo. Por exemplo, uma redução no número de pessoas que vivem com 1 dólar por dia, não reflete a natureza irregular deste declínio no interior das regiões. “A Ásia Oriental reduziu dramaticamente a população que vive com 1 dólar ao dia; sendo que no Sul da Ásia, houve um crescimento. Variações na pobreza dentro das nações, também não foram refletidas por dados reunidos” (PARKER, 2003, p. 240).

Para os céticos, “a integração das nações ricas e pobres promete crescimento não igualitário” (SACHES, 1998 *apud* PARKER, 2003, p. 241). Mesmo com a existência de determinados dados considerados como positivos por alguns autores, como os que indicam que o “GDP em economias em desenvolvimento cresceu mais de 3% de 1987 a 1996 e que o número de pessoas vivendo com menos de 2 dólares ao dia, cresceu de 2,5 bilhões para 2,7 bilhões” (WORLD BANK, 2000 *apud* PARKER, 2003, p. 241), dados semelhantes são

usados para argumentar que “esta nova tendência de riqueza está concentrada em poucas mãos, contribuindo para o crescimento das diferenças entre “ricos” e “pobres”” (GREEN; RUHLER, 1996 *apud* PARKER, 2003, p. 240). Além destes dados, as grandes disparidades de salários entre alguns operários, são usadas frequentemente, para reforçar este argumento.

Esta disparidade, também é explicada pela separação entre as economias tecno e grunge. Jones (2003) considera que a tecno-economia, por ser mais eficiente que a economia grunge, aumenta a disparidade entre ricos e pobres, dirigindo seus benefícios aos grupos investidores (primeiramente proprietários), às classes profissionais gerenciais, aos trabalhadores qualificados e aos consumidores ricos.

Outros malefícios deste processo de globalização são a facilidade com que os ataques terroristas estão sendo realizados, a alta velocidade em que as doenças e epidemias estão se propagando em todo o mundo e o grande aumento no número de subempregos e de trabalhadores informais.

3. A ECONOMIA INFORMAL

Castells e Portes (1989 *apud* JONES, 2003, p. 256) observam que a atividade informal nos Estados Unidos cresceu significativamente desde os anos 70, quando Redelift e Mingione (1985 *apud* JONES, 2003, p. 256) identificaram tendências similares na Europa ocidental. “A pesquisa patrocinada pela comissão européia estimou que a atividade do setor informal atingiu 40% da economia grega "oficial", 30% das economias belgas e italianas, de 16 % da francesa, de 14% da alemã, e de 8 a 10% da economia britânica” (DELOITTE; TTOUCHE, 1998 *apud* JONES, 2003, p. 256).

O setor informal definido por Kraychete (2006, p. 7)

é delimitado, justapondo-se, com ponderação variável, diversos critérios (trabalhadores por conta própria, contando ou não com a ajuda de mão-de-obra não remunerada; empresas com menos de cinco empregados; setor em que os negócios e os contratos de trabalho não obedecem à legislação trabalhista e fiscal, etc). Nestes termos, a conceituação do setor informal assemelha-se mais a uma descrição de atividades ou situações, envolvendo um conglomerado que, tratado como um conjunto, não responderia a nenhuma lógica específica. Ou melhor, o setor informal seria um movimento reflexo do setor formal ou moderno: cresceria nos momentos de crise, amortecendo o desemprego gerado no setor formal.

A economia informal tem uma relação direta com a economia grunge e um papel importante na sustentação e desenvolvimento da tecno-economia. Diante disto, há um jogo, para defender os interesses de determinados grupos, onde determinadas instituições, apóiam e muitas vezes, incentivam a manutenção e o desenvolvimento desta economia. Castells e Portes, (1989, *apud* JONES, 2003, p. 257) corroboram com isto, ao dizerem que “no geral, a economia informal tende a se desenvolver com a tolerância, se não sob a proteção de autoridades do governo”.

Por ser necessário existir um enlace entre a economia tecno e a grunge, a polícia do estado, orientada para detenção do setor informal, afrouxou suas atividades nas duas décadas passadas. No mínimo, isto explicaria o aumento da tolerância às atividades informais das polícias e das autoridades responsáveis pela cobrança dos impostos. Em alguns casos, entretanto, pôde estender ao incentivo de tais atividades, através da provisão de programas de treinamento, de facilidades de crédito, de auxílio ao marketing e das políticas

similares que subscreva diretamente ou indiretamente iniciativas empresariais. (...) O estado age para preservar a integridade funcional da formação social (isto é, nos interesses do capital, ou melhor, em nome dos capitalistas específicos), o estado responderia provavelmente ao crescimento da atividade econômica informal passiva ou de suporte. (JONES, 2003, p. 257)

Sassen (1998 *apud* JONES, 2003, p. 257), por exemplo, discute os programas de governo projetados para promover a atividade empresarial no setor informal. “Estes tipos de aproximações tem crescido aparentemente em muitos países, desenvolvidos e em desenvolvimento, desde 1970” (CASTELLS, 1996; PORTES *et al.*, 1988 *apud* JONES, 2003, p. 257).

Esta economia informal se relaciona com a tecno-economia através de determinadas redes organizadas em cascata, tendo a economia informal sustentado a economia grunge e esta a tecno.

3.1. AS REDES ORGANIZADAS EM CASCATAS

O termo “redes organizada em cascatas” significa que as redes verticais das TNC’s estão constituídas por redes das redes. Estas redes, em sua maior parte, é uma consequência das novas estratégias estruturadas pelas TNC’s, discutidas acima.

Existem diversos “exemplos de arranjos reestruturados da produção, resultando na formação de uma bipolaridade no trabalho. De um lado, trabalhadores altamente qualificados, como gerentes de vendas e telecomunicação, do outro, trabalhadores inábeis, com baixo salário, com condições precárias de trabalho e longa jornada de trabalho” (CASTELLS, 1996; HARRISON, 1997 *apud* JONES, 2003, p. 266).

A Nike oferece um outro exemplo útil de uma situação que liga a economia tecno com a grunge (...). Nike, uma firma da tecno-economia, fez a escolha estratégica para restringir-se às atividades, tais como o desenvolvimento de produto, o marketing, e a distribuição. A firma construiu uma rede vertical dos fornecedores organizados em diversos países. Os fornecedores em sua maioria eram originalmente taiwanenses, mas desde os anos 80, estas firmas deslocaram suas fábricas aos países, como Indonésia e China, primeiramente devido às reduções no custo com trabalho (BARTLETT; GHOSHAL, 1995 *apud* JONES, 2003, p. 266).

O mercado informal e as empresas subcontratantes destes países tornam-se fonte de mão-de-obra para a Nike. Nota-se neste exemplo claramente esta dinâmica: a Nike o segmento tecno e os subcontratantes principais o segmento grunge (devido a sua relativa baixa tecnologia e operações de trabalho intensivo). “Entretanto, os subcontratantes principais desenvolveram também suas próprias redes (daí o termo "redes sendo conectadas em cascata") e estas, na ocasião, estendida ao trabalho em casa, empreendido por crianças e mulheres novas, que estão no segmento informal da economia grunge” (JONES, 2003, p. 267).

Em anos recentes a Nike veio sofrendo críticas pelas práticas de trabalho explorativo, que ocorrem em algumas de suas filiais da rede, que não tem nada diretamente a ver com o Nike. Mas como é a Nike que tem o perfil global, os boicotes foram feitos sobre seus produtos. Casos similares tendem a aumentar, pois as redes verticais, conectadas em cascata, diminui os custos das TNC’s, assim como, sua responsabilidade com direitos trabalhistas de seus fornecedores.

4. AS ONG`s NA GLOBALIZAÇÃO

Paralelo a este processo de transnacionalização das empresas, sendo elas médias ou grandes, outras organizações, que estão atuando além das fronteiras nacionais, são as Organizações Não Governamental (ONG`s). “Aproximadamente 30.000 ONG`s são globais ou internacionais, muito além das 6.000 de 1990” (ECONOMIST, 1999b *apud* PARKER, 2003 p. 238). A “influência das ONG`s tem sido mostrada em 22 economias desenvolvidas e em desenvolvimento estudadas por Salamon *et al.*” (1998 *apud* PARKER, 2003, p. 238). Segundo Parker (2003, p. 238) “dentre seus interesses principais estão a sustentabilidade ambiental, as questões humanitárias, as questões de comércio e a justiça econômica”.

Existem diversas estatística sobre o número de ONG`s existentes, sendo que há determinadas divergências entre elas. “As estatísticas sobre o terceiro setor são importantes, mas não suficientes para se entender em profundidade os processos que estão em jogo na dinâmica da sociedade civil no mundo contemporâneo” (TEODÓSIO, 2005). Para este autor,

muitas das dezenas de pesquisas sobre Terceiro Setor são meras narrativas quantitativas e, pior, descritivas, servindo para dar vazão a uma multiplicidade de artigos na mídia, que acabam mais por confundir do que explicar. Prova disso, são os dados dispares produzidos por diferentes fontes acerca do número de ONG`s no país. No final, há uma confusão sobre o alcance do Terceiro Setor e as questões de fôlego ou desafiadoras, que estão por detrás de sua manifestação como fenômeno social não tratadas.

Para Gohn (1997 *apud* MELO; FISHER, 2003, p. 4), analisando a atuação das ONG`s no Brasil, “estas organizações ganharam importância nos anos 90, por serem potenciais parceiras do poder público, em decorrência de sua estruturação. Esta relação de parceria passou a ser estimulada, a partir do discurso neoliberal que pressupõe a retirada do Estado de uma série de atividades”.

As “organizações Não-Governamentais estão preenchendo os espaços do governo que se encolheu e privatizou” (WEISBROD, 1997, *apud* PARKER, 2003, p. 245). Nota-se, que o pós-fordismo contribuiu para o aumento do número de ONG`s, uma vez que houve uma mudança nas políticas estatais e um enxugamento das empresas, levando um maior número de pessoas para a economia informal, demandando o apoio delas.

Algumas ONG`s funcionam para incentivar ou forçar os negócios a servirem aos interesses da sociedade. Outras, são grupos de comércio que representam os interesses de negócio, como exemplo estão as associações para o desenvolvimento do álcool. Para Parker (2003, p. 245) “as ONG`s se beneficiam, da interação com os negócios, elas suportam cada vez mais suas próprias atividades, com atividades de geração de renda, ajudam ao desenvolvimento de negócios e realçam oportunidades de negócio”. Parker (2003) cita como exemplo, as ONG`s localizadas em países em desenvolvimento, como, Bangladesh, Índia, algumas partes de América Central e Latina, as Filipinas, que fornecem o dinheiro para o estabelecimento de micro-empresas. Assim, estas ONG`s tomam para elas papéis governamentais tradicionais, buscando estimular o desenvolvimento e alocar recursos.

Outra função importante exercida pelas ONG`s é a coordenação de ações ativistas contra a degradação ambiental, exploração, pobreza, e várias outras temáticas sociais. Suas ações, neste sentido, têm conseguido grandes avanços. Como exemplo, “um estudo de 100 organizações que são líderes globais, identificou que elas estão tendo uma crescente ênfase na responsabilidade social” (McFARLAND *et al.*, 1993 *apud* PARKER, 2003, p. 244).

Estas ONG's têm contribuído para a elaboração de um conjunto de normas, com capacidade de reconfigurar a relação entre negócios e sociedade global, monitorando as atividades das TNC's, assim como, de seus fornecedores.

Analisando as atividades desenvolvidas pelas ONG's a partir nos anos 90, ao assumir determinadas atividades que seriam de responsabilidade do governo, de certa maneira elas contribuem para este processo de apoio e manutenção da economia informal. Para Teodósio (2001) a parceria existente entre o Estado e as ONG's "pode se transformar em "terceirização" das políticas públicas, ou seja, o governo se desonera da execução de seus programas sociais, esperando que as organizações do Terceiro Setor solucionem todos os problemas comunitários".

Sob a luz da teoria crítica, Teodósio (2005) argumenta que a idéia de Terceiro Setor tornou-se um verdadeiro modismo e, por isso mesmo, um objeto relevante de pesquisa dentro do marco conceitual dos Estudos Críticos em Organizações. Para ele, "como se pode perceber, as promessas do Terceiro Setor são muitas, em várias frentes e se colocam para muitos como uma nova utopia a seguir" (TEODÓSIO, 2005).

Para Saraceno (2006, p. 12) na visão de alguns autores, este processo "trata-se apenas de mais uma forma de exploração da força de trabalho, uma resposta das elites à organização e mobilização sindical e popular dos anos 80; assim como parte das estratégias neoliberais para desobrigar o Estado de atuar na área social".

Na perspectiva de Paula (1997 *apud* TEODÓSIO, 2001), o Terceiro Setor e Organizações Não-Governamentais são neologismos surgidos na esteira do processo de expansão da lógica neoliberal de condução dos Governos das economias capitalistas centrais. Por detrás da discussão, cada vez mais intensa, sobre a importância das ONG's, estaria implícita a idéia de que os problemas sociais e econômicos devem ser resolvidos a partir da lógica do mercado, ou melhor, do encontro e da ação dos diversos atores no espaço das trocas econômicas, cabendo ao Estado um papel restrito à regulação dessa esfera.

4.1 AS ONG's E A ECONOMIA INFORMAL

Nesta etapa final do trabalho, percebe-se inúmeras divergências existentes sobre o processo de globalização e sobre o papel das ONG's. Este trabalho não tem como objetivo fazer juízo de valor da atuação das ONG's perante a sociedade, mas somente analisar, o seu papel, diante desta dinâmica global, uma vez que houve um grande crescimento do número de ONG's à nível mundial.

Sabe-se que os objetivos das ONG's são vários, entre eles estão o ativismo e as lutas sociais, que foram as atividades principais realizadas por elas, antes da década de 90 e que até hoje, tem conseguido grandes avanços, como pressões às multinacionais, como exemplo a pressão exercida contra a Nike, uma transnacional, que através de suas redes organizadas em cascatas, estava contribuindo para a exploração do trabalho infantil. Ao analisarmos suas atuações a partir da década de 90, onde a escassez de recursos externos provocou mudança nas suas atividades fins, nota-se que seus papéis mudaram drasticamente. Elas se viram obrigadas a fazer parcerias com os governos, assumindo determinadas atividades, que antes, eram de responsabilidade do mesmo e seu foco mudou do ativismo e das mobilizações de movimentos sociais, para a geração de trabalho e renda da população que se encontra desempregada ou atuando na economia informal.

A economia informal - então florescente e estimulada pelo novo modelo da globalização - passou a ser uma das principais saídas, pois a crise gerada pelo desemprego crescente transferiu para a economia informal o grande peso de demandas antes localizado no setor formal. Com isto, as atividades

de militância política, via pressões sociais, passaram para segundo lugar, e as atividades produtivas ganharam centralidade no dia-a-dia das ONG's. Assim, o movimento dos seringueiros, por exemplo, lutará não apenas por seus direitos ou contra a opressão dos grandes latifundiários, dos donos das madeiras etc. Ele lutará basicamente para vender seus produtos em mercados mais competitivos. O mesmo ocorre com o movimento dos índios: eles pressionarão pela demarcação das terras, mas também querem vender castanhas, ervas, etc, no mercado nacional e internacional, a preço justo e certo, e não como mercadoria "alternativa", a preços baixos (SARACENO, 2006, p. 10).

Percebe-se neste trabalho que este grande número de pessoas na economia informal, é consequência do modelo pós-fordismo, derivado do enxugamento das grandes empresas e de suas mudanças estratégicas. Nota-se também que esta economia informal, através das redes organizadas em cascatas, são fonte de mão-de-obra barata e “*just in time*” para as organizações da tecno-economia. Se as ONG's mudaram seu foco de atuação principalmente executando programas de apoio a esta economia informal, podemos nos perguntar, se sua atuação está proporcionando uma inclusão social, ou apenas mantendo, um seguimento contingente, através de atividades, imediatistas, que não provocam mudanças nesta dinâmica entre a economia tecno e a grunge.

Alguns autores críticos às atuações das ONG's, consideram que mesmo com imenso crescimento de seu número, não obtemos avanços significativos no processo de inclusão social. “Os indicadores socioeconômicos não mudaram muito a partir do surgimento das ONG's, até porque elas não têm poder suficiente para interferir na estrutura da sociedade, evidencia-se a necessidade de reavaliação do papel dessas instituições” (MENDONÇA e GÓIS, 2002, p. 5).

Percebe-se o crescente desenvolvimento de ONG's e de seus programas sociais, mas não se nota um aumento considerável da inclusão social de seus beneficiários. Teodósio (2005) também fica instigado a saber o “porque toda a frenética multiplicação de instituições, não faz avançar a inclusão social”.

Diante desta realidade das ONG's, Teodósio (2005) considera que:

uma sociedade que luta pela inclusão não é uma sociedade que se faz inclusiva. Ainda assim, e novamente, é preciso ter em mente que não se trata de desqualificar as ações de inclusão e de moralização nos negócios, mas sim, entendê-la como etapa de um processo dialético, que precisa avançar para além de si mesmas. Caso isso não se processe, corre-se o risco de tudo mudar para que tudo permaneça como está. Profunda desconfiança que povoa o imaginário de muitos daqueles que militam o movimento do terceiro setor no Brasil contemporâneo.

Observa-se então, um impasse, as ONG's estão conseguindo o que se propõe (inclusão social) ou apenas a manutenção das coisas como estão? Teodósio (2005) deixa dúvida quanto ao caráter inclusivo das ONG's, ao considerar que “as mesmas organizações não-governamentais que se propõem a defender os interesses das comunidades, são aquelas que hierarquizam e organizam a “massa”, filtrando a vontade popular através das lentes de um aparato organizacional”.

Se as intenções são as melhores, os resultados em longo prazo, não estão visíveis. A existência de várias ONG's, gerou a competição entre elas, seja por recursos ou por atividades (determinados projetos específicos). Deste modo, muitas ações são imediatistas, sendo que os financiamentos são em curto prazo, assim como o planejamento das ações. Apesar de toda a

intenção de sustentabilidade, as atividades realizadas não permitem a construção de estruturas suficientes ao seu desenvolvimento.

Na verdade, as estratégias dos movimentos sociais organizados não se concentram exclusivamente ou na participação ampliada ou na restrita, o problema básico advém da focalização extrema do alcance de metas pragmáticas como alternativa para o fortalecimento das organizações, na medida em que geram ganhos concretos no curto-prazo e de repercussão positiva direta sobre a imagem construída junto à comunidade (TEODÓSIO, 2001).

Há uma grande preocupação com a imagem, com a geração de resultados no curto prazo e poucas ações sustentáveis e um oferecimento de uma infra-estrutura e suporte insuficiente, para realmente gerar mudanças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização, como um processo de organização no nível global, provocou diversas conseqüências na sociedade. É um processo de difícil compreensão uma vez que está presente em diversas disciplinas, sendo explicada de maneira diferente por cada uma delas. Tem determinadas vozes que consideram a globalização como algo benéfico para a sociedade, assim como, vozes que advogam a favor de uma globalização causadora e ampliadora da exclusão e da diferença entre ricos e pobres.

Percebe-se um processo dinâmico, onde a globalização se interliga com o capitalismo avançado, derivado do pós fordismo. Nesta dinâmica, as transnacionais ocupam o espaço central, contribuindo para quebra das barreiras e dos limites entre nações, através da elaboração de estratégias voltadas para seu auto-interesse.

Assim, como resultado das estratégias das organizações pós-fordistas, a economia informal, que passa a aumentar, e muito, o seu contingente, passa a ser uma economia importante para a manutenção das atividades das transnacionais. O governo, favorecendo ao interesse da classe privilegiada, exerce papel fundamental na manutenção dessa economia, realizando programas como micro-crédito, capacitações e financiamentos para pequenos empreendedores. E as ONG's, a partir do momento em que passou a assumir determinadas funções do Estado, passa a participar deste jogo, realizando projetos de apoio às pessoas que se encontram na economia informal.

Nota-se que, apesar do crescente número de ONG's, os indicadores econômicos não sofreram mudanças significantes. Isto pode ser explicado pela realização de atividades voltadas para a sustentabilidade, mas que não obtiveram sucesso. Há uma necessidade de mudanças mais drásticas que não são conseguidas apenas com estes projetos, que não possuem infra-estrutura necessária para uma verdadeira inclusão social dos envolvidos.

Mesmo com os indicadores econômicos não demonstrando uma mudança significativa, na situação degradante da economia informal, estudos recentes comprovam que as ONG's estão conseguindo avanços na área de responsabilidade social, pressionando as grandes empresas a serem socialmente responsáveis, tanto na sua produção quanto na aquisição de determinadas matérias-primas. O avanço da tecnologia de informação facilita a propagação de suas ações por todo o mundo e a organização de boicotes a determinadas organizações que não são socialmente responsáveis.

Este trabalho não teve como objetivo desqualificar o papel das ONG's na sociedade, sabe-se que elas muito têm feito, tanto no ativismo, quanto na luta contra a pobreza e conseqüente busca por um menor índice de criminalidade. Mas, busca questionar se suas

ações estão conseguindo atingir o prometido, que é a sustentabilidade e a inclusão social. Alguns autores críticos demonstram que não, que esta dinâmica gerada pela globalização não pode ser superada apenas com atividades desenvolvidas através dos projetos elaborados pelas ONG's, pelo fato de muitos serem insustentáveis ou por necessitarem de uma infra-estrutura de apoio, muitas vezes não disponível. Para eles, estes projetos sociais insustentáveis apenas mantêm a população marginalizada na mesma condição em que se encontravam. População esta, que sustenta as minorias a manterem seus privilégios.

6. REFERENCIAS

IANNI, Octavio. As Ciências Sociais na Época da Globalização. *Rev. bras. Ci. Soc.* Jun. 1998, vol. 13, n. 37. p. 33-41. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 Jun. 2006.

JONES, Marc T. Globalization and the Organization(s) of Exclusion in Advanced capitalism. In: WESTWOOD, R.; CLEGG, S. (eds.) *Debating organization, point-counterpoint in organization studies*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2003. p. 253-270.

KRAYHETE, G. Economias dos setores populares: entre a realidade e a utopia. Disponível em <<http://www.caritasbrasileira.org/textos/populares.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2006.

MENDONÇA, J.; GÓIS, Z. Aonde Vai a ONG? Bahia Análise&Dados. Salvador. v. 12, n. 3. dez. 2002. p. 211- 219. Disponível em <http://www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/analise_dados/pdf/retros2002/pag_211.pdf>. Acesso em 21 jun. 2006.

MELO, V. P.; FISCHER, T.; SOARES JÚNIOR, J.S. Diversidades e Confluências no Campo do Terceiro Setor: um Estudo de Organizações Baianas. In: *Anais do XXVII Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD)*. Atibaia – SP: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), 2003.

PARKER, Bárbara. The Disorganization of Inclusion: globalization as Process. In: WESTWOOD, R.; CLEGG, S. (eds.) *Debating organization, point-counterpoint in organization studies*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-251.

SARACENO, D. V. S. O Papel do Terceiro Setor na Questão do Desenvolvimento Regional e Local. Disponível em <http://www.desenbahia.ba.gov.br/files/Caderno_de_Analise_Regional_Artigo_01.pdf>. Acesso em 21 jun. 2006.

TEODÓSIO, A. S. S. Por uma agenda crítica de estudos sobre o Terceiro Setor: um ensaio crítico para além da crítica. In: *Integração*. Disponível em <<http://integracao.fgvsp.br>>. Acesso em 21 jun, 2006.

_____. Pensar o terceiro setor pelo avesso: dilemas e perspectivas da ação social organizada na gestão pública. In: *Anais do XXV Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD)*. Campinas – SP: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), 16 a 19 de setembro de 2001. p. 1-14.

WESTWOOD, R.; CLEGG, S. Debating organization, point-counterpoint in organization studies. Oxford, UK: Blackwell Publising, 2003. p. 234 - 251

.